

Arqueologia política

Como os fragmentos de idades passadas servem para construir aquilo que nem ousamos, muitas vezes, referir

Texto **João Carneiro**

É comum — ou era? — depois de uma crise, uma discussão, uma briga, dizer que se tenta juntar os cacos. Ver o que resta, salvar o que é possível. Os cacos? Bocados partidos? A prova de que o que era já não é? Como é que se volta a ter o que se destruiu? Não se volta; não se tem. Mas pode ter-se qualquer coisa. Podem-se colar os bocados. Pode-se tentar remontar o que foi despedaçado. Pode-se reconstituir, pode-se reinventar, pode-se fazer uma coisa diferente. Isso acontece o tempo todo com o nosso corpo, quando nos magoamos, quando temos desastres, quando somos operados, até dizemos às vezes que ficámos como novos — ironia otimista.

É o que se passa com a arqueologia, essa atividade que alia estudo, sacrifício, risco, reconstituição, reinvenção, fantasia e rigor. Com a cultura não é diferente, e no caso de “Some Use for Your Broken Clay Pots” (“Algum Uso para os Seus Vasos de Barro Partidos”) é tudo isto que se passa. Havia cacos em que se escrevia o nome de uma pessoa que se achava que poderia ser uma ameaça para a cidade. Era na Grécia antiga, e quem escrevia eram os cidadãos (pessoas livres, claro). Essa pessoa estava fora dez anos e depois podia regressar. Não havia processo, não havia inquérito, havia um número mínimo de cacos necessário para que a decisão se efetivasse. Aparentemente, resultava.

Christophe Meierhans partiu desta ideia para elaborar uma ficção, uma *performance* e um espetáculo, um acontecimento em que ele é a única pessoa do lado do artista, perante o públi-



Christophe Meierhans ousou escrever uma nova constituição e colocou-a em palco

SOME USE FOR YOUR BROKEN CLAY POTS

de Christophe Meierhans
Teatro Municipal Maria Matos,
Lisboa, hoje

co. Trata-se de propor uma nova constituição, indiretamente motivada pela ideia de ostracismo, ou seja, de que se podem corrigir coisas diretamente. Não há decisões tomadas por maioria, e o que está mal é sujeito a correção imediata. O sorteio ocupa o lugar da decisão maioritária.

A constituição foi escrita por Meierhans, em colaboração com uma jurista, a partir de uma reflexão de carácter político. Mas é uma ficção, um *script* de teatro, “um trabalho de ficção científica”, diz o autor. Não há citações externas, porque Christophe Meierhans prefere uma legitimação imanente, relativamente à obra, e que a discussão se faça sem mediações teóricas ou discursivas. E trata-se, também e sobretudo, de uma proposta de e sobre mudanças. O que aconte-

ceu à democracia? Está em crise? Precisa de reformulações? É válida, tal como a temos conhecido ou julgamos conhecer? “Quando se começa a discutir sobre estas coisas, a partir de uma ideia tão forte como uma constituição, ou o sistema de decisões por maioria, sente-se imediatamente uma resistência, uma defesa do que existe. Mas depois...” Depois das primeiras representações, em Gand e em Bruxelas, muita gente no bar do teatro falava apaixonadamente de assuntos constitucionais. “O teatro é uma espécie de quadro onde se pode falar de coisas de que normalmente não se fala, ou de que se fala com dificuldade”, diz este artista, compositor, *performer*, que nem sequer é ator e que por isso diz, também, que não pode construir uma personagem. “Não sou capaz.” ▲